

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

SALMO 78: PROPAGANDA E (IN)VALIDAÇÃO DO ISRAEL NORTE EM CHAVE MONÁRQUICA JUDAÍTA

Psalm 78: Propaganda and (in)validation of Northern Israel in Judah's
monarchical key

Gustavo Albernaz¹

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar o Salmo 78 e investigar, com o auxílio da arqueologia e da história que dela deriva, a possível intenção propagandística da visão Deuteronomista sobre a monarquia unida sob a perspectiva de Judá em relação ao Israel Norte. Neste sentido, o único lugar de culto, a eleição de Davi e a legitimação da sua descendência seriam as bases socioreligiosas dessa construção teológica, pela qual se exige a lealdade e fidelidade do povo à monarquia davídica como representante legal da divindade. Assim, o Salmo 78 apresenta uma intenção propagandística clara de invalidar a existência de Israel do Norte em favor da monarquia judaíta.

Palavras-chave: Literatura poética. Salmos. Arqueologia. Salmo 78. Obra Histórica Deuteronomista.

ABSTRACT

This article aims to analyze Psalm 78 and investigate, with the help of archeology and the history that derives from it, the possible propagandistic intention of the Deuteronomist vision of the united monarchy from the perspective of Judah in relation to Northern Israel. In this sense, the only place of worship, the election of David and the legitimization of his descent would be the socio-religious bases of this theological construction, which demands the loyalty and fidelity of the people to the Davidic monarchy as the legal

¹ Mestre em Teologia pelo Programa de Teologia Profissional da FABAPAR. E-mail: gustavo.greenfruit@gmail.com

representative of the divinity. Thus, Psalm 78 had a clear propagandistic intention to invalidate the existence of Northern Israel in favor of the Judah's monarchy.

Keywords: Poetic Literature. Psalms. Archeology. Psalm 78. Deuteronomistic History.

INTRODUÇÃO

O presente levantamento será dividido em três partes. Primeiro, abordam-se aspectos gerais sobre o Salmo 78, em seguida, será feito um levantamento sobre a história da corrente Deuteronomico-Deuteronomista (*Dtn/Dtr*) e sua possível atuação no Salmo 78 e, por fim, será verificado os ganhos para a exegese, levando-se em consideração a história da pesquisa arqueológica na Palestina e sua aplicação aos estudos bíblicos. Por fim, este trabalho será encerrado com as conclusões que se obteve após as considerações apresentadas ao longo deste artigo.

1. QUESTÕES GERAIS SOBRE O SALMO 78

O Salmo 78 é o segundo salmo mais longo de toda a Bíblia Hebraica. Ele faz parte da coleção de Asaf, na verdade o Salmo 78 fica no meio de toda a coleção de Asaf e alguns até sugerem que pode ser o centro de todo o Saltério.² Devido a sua importância, é vasto o número de comentários e análises exegéticas do Salmo 78. No entanto, as conclusões não são homogêneas. Nos próximos tópicos mostram-se, através do levantamento prévio, as principais conclusões sobre a datação, autoria e o gênero literário do Salmo 78.

1.1 Datação

O Salmo 78 tem sido muito trabalhado nas últimas décadas, no entanto, isso não significa que os estudiosos tenham chegado a um consenso sobre vários aspectos a seu respeito. Um dos aspectos em debate é a questão da sua datação. Alguns datam o Salmo 78 no período pós-exílio³, isto é, após o edito de Ciro (538 a.C.). Isso porque, segundo eles, pode-se reconhecer uma mistura de gêneros no Salmo 78, sinal de dependência dos livros históricos do Antigo Testamento, dado que indicaria a composição tardia desse salmo.⁴ Seria possível

² WEBER, Beat. Psalm 78 als "Mitte" des Psalters? - einVersuche. *Biblica*, Vol. 88, No. 3, 2007, p. 324.

³ EWALD, Georg H. A. *Commentary on the Psalms*. Eugene: Wipf & Stock, 2007, p. 255-256; GUNKEL, Hermann. *Die Psalmen*. Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1986, p. 342; CARROLL, R. P. Psalm LXXVIII: vestiges of a tribal polemic. *Vetus Testamentum* Vol. 21, Fasc. 2, Apr. 1971, p. 133-150; TREVES, M. *The dates of the Psalms: history and poetry in Ancient Israel*. Pisa: Giardini, 1988, p. 67-68; FLINT, Peter W.; MILLER JR., Patric D. (edit.). *The book of Psalms: composition and reception*. Leiden: Brill, 2005, p. 78; HOSSFELD, F.; ZENGER, E. Psalms 51–100. *Religious Studies Review*, v. 33, n. 1, 2007, p. 57-64; CALDUCH-BENAGES, N.; LIESEN, J. (edit.). *History and identity: how Israel's later authors viewed its earlier history*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2006, p. 39; RÖMER, T. Palestra na Society of Biblical Literature Annual Meeting, 2002. In: LEUCHTER, Mark. The Reference to Shiloh in Psalm 78. *Hebrew Union College Annual* Vol. 77. 2006, p. 4; GÄRTNER, Judith. The Historical Psalms: A Study of Psalms 78; 105; 106; 135, and 136 as Key Hermeneutical Texts in the Psalter. *Hebrew Bible and Ancient Israel* (HeBAI) Volume 4, 2015, p. 373-382; JONES, C. B. *Lessons learned: applying a hermeneutic of curiosity to Psalm 78*. *Perspective in Religious Studies*, vol. 44, 2017, p. 173-183.

⁴ GUNKEL, 1986, p. 342.

identificar uma interdependência entre o Salmo 78 e outros textos, como por exemplo: 1 Samuel 4–6; 2 Samuel 7; 1 Reis 8; Jeremias 7 e o livro de Lamentações, considerados de mão *Dtn-Dtr*.⁵

Evidências de uma redação posterior ao Exílio segundo essa corrente de pensamento são: uma atitude anti-samaritana presente no texto⁶; rejeição de José e a eleição de Judá (que se tornou o tema central do *Dtr* após o exílio na disputa entre as comunidades judaica e samaritana)⁷; o uso da história da salvação com o propósito de devoção e encorajamento, o que é uma prática tardia⁸; a formação da coleção de Asaf⁹ (o Salmo 78 parece ter sido construído especificamente para a coleção)¹⁰; e conter a tradição murmurante das narrativas do deserto, datada de época pós-exílica.¹¹ No entanto, pesa contra essa corrente de pensamento o argumento de que nenhum autor consideraria a destruição do lugar de culto em Siló como uma evidência da rejeição de Deus se o Templo de Jerusalém também estivesse destruído, o que invalida a tese do Salmo ser pós-exílico.¹²

Outros autores, por sua vez, sugerem que o Salmo 78 é anterior ao Exílio.¹³ No entanto, divergem muito sobre em que século teria sido escrito o Salmo 78. Um grupo, por exemplo, aloca este Salmo no século X a.C.¹⁴ Tal grupo argumenta que o Salmo 78 não trata sobre a

⁵ FLINT; MILLER, 2005, p. 78.

⁶ GUNKEL, 1986, p. 342.

⁷ CARROLL, 1971, p. 135.

⁸ EWALD, 2007, p. 255-256.

⁹ GÄRTNER, 2015, p. 373-382.

¹⁰ JONES, 2017, p. 176-177.

¹¹ RÖMER In: LEUCHTER, 2006, p. 4.

¹² LEONARD, Jeffery M. Inner-Biblical Allusions: Psalm 78 as a test case. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 127, N. 2, 2008, p. 259.

¹³ BRIGGS, C. A; BRIGGS, E. G. **A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Psalms**. 2 vols. International Critical Commentary. Edinburgh: T & T Clark, 1906, n.p.; JUNKER, H. Die Entstehungszeit des Ps. 78 und des Deuteronomiums. *Biblica*, vol 34, 1953, p. 487-500, p. 487-500; WEISER, A. **Die Psalmen II**. Gottingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1959, n.p.; MAILLOT, A.; LELIÈVRE, A. **Les Psaumes: Deuxième partie : Psaumes 51-100**. Traduction, notes et commentaire. Geneva: Labor et Fides, 1966, n.p.; CAMPBELL, Anthony F. Psalm 78: a contribution to the Theology of Tenth Century Israel. *The Catholic Biblical Quarterly*. Vol. 41. N. 1. Janeiro/1979, p. 61; ANDERSON, A. A. **The book of Psalms: 73-150** (The New Century Bible Commentary). Grand Rapids: Eerdmans, 1980, p. 562; DAY, John. Pre-Deuteronomiac Allusions to the Covenant in Hosea and Psalm LXXVIII. *Vetus Testamentum*. Vol. 36, Fasc. 1, Jan. 1986, p. 1-12; TATE, Marvin E. **Word Biblical Commentary**: Vol. 20: Psalms 51-100. Dallas: Word Books, 1990, n.p.; LEE, A. C. C. The context and function of the plagues tradition in Psalm 78. *Journal for the Study of the Old Testament*, vol. 15, 1990, p.83-89; RAVASI, Gianfranco. **Il Libro dei Salmi: Commento e attualizzazione**. Vol II (51-100). 5.ed. Bologna: EDB, 1991, p. 651-620; STERN, Philip. The Eighth Century Dating of Psalm 78 Re-argued. *Hebrew Union College Annual*, Vol. 66, 1995, p. 41; SCHNIEDEWIND, W. M. **How the Bible Became a Book: the textualization of Ancient Israel**. Cambridge: Cambridge University, 2005, p. 107-108; LEUCHTER, 2006, p. 6,20,31; ROSS, Allen P. **A commentary on the psalms**. Vol 2 (42-89). Grand Rapids: Kregel, 2013, p. 649; LEONARD, 2008, p. 260; STADELMANN, Luís I. L. **Os Salmos da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2015, p. 419; WEINGART, Kristin. Juda als Sachwalter Israels Geschichts theologie nach dem Ende des Nordreiches In Hos 13 und Ps 78. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*. Vol 127(3), 2015, p. 440-458; TAMMUZ, Oded. Psalm 78: a case study in redaction as propaganda. *The Catholic Biblical Quarterly*, Volume 79, N 2, April 2017, p. 205-221; KUGLER, Gili. Not Moses, but David: Theology and politics in Psalm 78. *Scottish Journal of Theology*, Vol 73, 2020, p. 126-136.

¹⁴ CAMPBELL, 1979, p. 61; LEUCHTER, 2006, p. 6,20,31; ROSS, 2013, p. 649.

queda de Israel Norte, já que em nenhum momento refere-se à aniquilação de Efraim.¹⁵ Tratar-se-ia, porém, sobre a transição “da antiga existência pré-monárquica tribal para a nova monarquia davídica”¹⁶, e por esse motivo o texto deveria ter sido originado no século X a.C.

Outro motivo, apontado por esses autores, refere-se à retórica do Salmo 78. Essa retórica, segundo esses autores, só tem força suficiente para convencer os destinatários que viram a destruição do templo de Siló.¹⁷ Assim, o Salmo 78 teria sido escrito por volta de 930 a.C., quando o Israel do Norte ainda existia e próximo à rebelião que culminou, segundo o próprio Salmo 78, na mudança da habitação de YHWH de Siló para o Templo de Jerusalém.¹⁸

No entanto, os argumentos de tais autores parecem ser um pouco falhos. Eles não levam em consideração que o processo de escrita em ambos os reinos teria sido iniciado, provavelmente, a partir do século VIII a.C.¹⁹, e que, portanto, o Salmo 78 não poderia ser anterior a essa data em sua forma final.²⁰

Além disso, dizer que o Salmo não teria força retórica após a queda de Israel do Norte não parece ser plausível, já que ele trata de temas fundamentais (Libertação do Egito; Êxodo; Conquista da Terra), e que são anteriores à destruição de Siló. Se tal argumento tiver razão, perde-se a força retórica desses outros eventos que estão distantes do pretense período em que foi escrito o Salmo 78.

No grupo de autores, que defendem uma datação pré-exílica do Salmo 78, encontram-se os que defendem os séculos VIII e VII A.C. como o período de composição. Os que são a favor de uma datação no século VIII a.C. afirmam²¹ que o salmo dependeria de outras “fontes”, como a atuação dos profetas Amós e Oséias (devido às referências à libertação do Egito) e do salmo 49.²²

Também associam a composição do Salmo 78 às reformas realizadas no reinado de Ezequias²³ (rei que deve ter subido ao trono em 715/714 a.C. e permaneceu único no trono 15 anos após a campanha militar da Assíria (701 a.C.), sendo que Manassés, possivelmente, tornou-se seu co-regente na última década de governo)²⁴, isso porque, segundo tais exegetas,

¹⁵ LEUCHTER, 2006, p. 6,20,31.

¹⁶ CAMPBELL, 1979, p. 61.

¹⁷ LEUCHTER, 2006, p. 6,20,31.

¹⁸ ROSS, 2013, p. 649.

¹⁹ FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados**. Petrópolis: Vozes, 2018, n.p.

²⁰ Isso não quer dizer que nenhum texto bíblico seja anterior ao século VIII a.C. - especialmente se considerarmos pré-estágios orais ou memórias que foram retrabalhadas e incluídas nos textos como estão agora. Mas o século VIII a.C. parece marcar uma cesura em relação à evolução da cultura dos escribas israelitas e judaítas e, portanto, também de sua literatura (SCHMID, Konrad. *The Biblical Writings in the Late Eighth Century BCE*. In: FARBER, Zev I.; WRIGHT, Jacob L. (edit.). **Archaeology and History of Eighth-Century Judah**. Atlanta: SBL, 2018, p. 498).

²¹ JUNKER, 1953, p. 487-500; DAY, 1986, p. 1-12; LEE, 1990, p. 83-89; STERN, 1995, p. 41; LEONARD, 2008, p. 260; WEINGART, 2015, p. 440-458.

²² STERN, 1995, p. 41.

²³ LEONARD, 2008, p. 260.

²⁴ NA'AMAN, Nadav. Hezekiah and the Kings of Assyria. **Tel Aviv Journal of the Institute of Archaeology of Tel Aviv University**, Vol. 9, 1994, p. 238-239.

o Salmo 78 reflete nitidamente um material *Dtr* ligado aos seus primeiros estágios, que datavam da época de Ezequias no final do século VIII a.C.²⁵

Outro argumento utilizado pelo *Dtr* é o desconhecimento do autor do Salmo 78 das “fontes” Elohistas (fonte E) e Sacerdotais (fonte P), já que este só se utiliza do relato das pregas a partir do material Jahwista (fonte J), antes de ser associado às fontes “E” e “P”.²⁶ No entanto, pelo que pode ser compreendido do Salmo não há nenhuma referência clara aos profetas Amós e Oséias, e mesmo se tivesse alguma dependência do Sl 49 seria necessário colocá-lo no século VIII a.C., o que por si só também não sustenta a argumentação, já que o Salmo 78 até poderia depender do Salmo 49, mas isso não o coloca como necessariamente do século VIII a.C. Ademais, “a nova hipótese documentária do Pentateuco é hoje amplamente considerada obsoleta”²⁷ e não deve ser mais utilizada como um argumento válido para a datação do Salmo 78.

Por sua vez, os que são a favor de uma datação no século VII a.C.²⁸ sustentam que o Salmo é posterior ao fim de Israel Norte e anterior à queda de Judá-Jerusalém, pois, no Salmo 78, “a monarquia judaica é apresentada como o ponto culminante do relacionamento de Yahweh com seu povo”.²⁹ Estes, ao que se pode concluir neste levantamento, estariam mais próximos de uma datação precisa para o Salmo.

Tais exegetas apontam que o Salmo 78 nunca menciona a destruição do Templo³⁰; apresenta uma proximidade ideológica com a corrente *Dtr*³¹; não indica o fim da monarquia judaíta; está ausente uma referência ao Exílio³²; referência a narrativa do Êxodo³³; crítica ao Israel Norte³⁴; e a exaltação da figura de Davi e sua dinastia são evidências da datação do Salmo 78 no período josiânico (séc. VII a.C.). Desta maneira, entende-se, neste artigo, que a possível datação para um salmo tão complexo como o 78 seja o século VII a.C.

1.2 Autoria

Uma curiosidade sobre cada uma dessas propostas de datação é que elas observam o Salmo 78 como uma obra *Dtr*. Até mesmo os que afirmam que esse Salmo seria um produto

²⁵ JUNKER, 1953, p. 487-500.

²⁶ DAY, 1986, p. 11.

²⁷ MCKENZIE, S. L.; HAYNES, S. R. (eds.). **To Each its Own Meaning: a introduction to Biblical Criticisms and their Application**. Louisville: Westminster, 1999, p. 49.

²⁸ BRIGGS; BRIGGS, 1906, n.p.; WEISER, 1959, n.p.; MAILLOT; LELIÈVRE, 1966, n.p.; ANDERSON, 1980, p. 562; TATE, 1990, n.p.; RAVASI, 1991, p. 651-620; SCHNIEDEWIND, 2005, p. 107-108; STADELMANN, 2015, p. 419.

²⁹ TATE, 1990, n.p.

³⁰ WEISER, A. **I Salmi: Parte seconda: 61-150**. Brescia: Paideia, 2003, p. 592-593.

³¹ COIMBRA, A. Sales. As lições da história de Israel (Salmo 78). **Estudos Teológicos**, Vol. 81. Vozes: Petrópolis, 2004, p. 51.

³² ANDERSON, 1980, p. 562

³³ Como parte do esforço para promover as suas reformas, Josias apresentou a narrativa do Êxodo para a elite de seu reino (NA'AMAN, Nadav. *The Israelite-Judahite Struggle for the Patrimony of Ancient Israel*. **Biblica**. Vol 91(1), 2010, p. 21-22).

³⁴ SCHNIEDEWIND, 2005, p. 107-108.

do séc. X A.C. admitem que ele possuiria uma teologia próxima da que foi desenvolvida pelo *Dtr.*³⁵

Os comentaristas afirmam que “parece concebível que o cantor (do Salmo 78) esteja próximo dos círculos de alfabetização *Dtr*”³⁶. Para eles, o autor do Salmo quer apoiar no passado a sua própria ideologia (*Dtr*³⁷), que enfatiza a preeminência de Judá sobre Israel Norte. O autor do Salmo 78 lembra a destruição de todas as bases sagradas do reino de Israel Norte, dessa maneira ele prepara a eleição do reino de Judá, o santuário de Sião e a dinastia de Davi.³⁸

Para esses exegetas, é evidente que “o autor é treinado na teologia da aliança, elemento central no Deuteronômio, e segue seus esquemas para atualizar a história e transformá-la em luz para o presente”.³⁹ Além disso, a própria coleção dos Salmos de Asaf sofre uma influência da corrente *Dtr*.⁴⁰ A grande questão é: a qual geração *Dtr/Dtr* esse poema pertence? Essa questão será analisada mais adiante neste artigo.

1.3 Gênero literário

Não é uma tarefa simples identificar o gênero literário do Salmo 78.⁴¹ Diversos gêneros foram propostos para este Salmo. Entre eles, pode-se destacar a proposta que o identifica como um salmo sapiencial⁴², devido, principalmente, à sua introdução (v.1-2)⁴³, e a sua identificação como um salmo não-litúrgico.⁴⁴

Outro gênero proposto para o Salmo 78 é o gênero didático.⁴⁵ Exegetas que argumentam a favor dessa linha afirmam que no Salmo 78 existe uma “divisão perfeita do texto em cenas históricas individuais com uma verdade teológica distinta para mostrar a orientação didática e homilética do salmo”.⁴⁶ Nesse sentido, o Salmo 78 traria ensinamentos a partir dos eventos históricos nele retratados.

³⁵ CAMPBELL, 1979, p. 79.

³⁶ KRAUS, Hans-Joachim. **Psalms 60-150: Continental Commentaries**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1989, p. 123.

³⁷ RÖMER, Thomas. **A chamada história deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 64.

³⁸ GONZÁLEZ, Ángel. **El libro de los Salmos**. Barcelona: Herder, 1965, p. 362.

³⁹ GONZÁLEZ, 1965, p. 363.

⁴⁰ SIQUEIRA, T. Machado (org.). Salmos de Asaf (Sl 50; 73-83). **Estudos Teológicos**, Vol. 81. Vozes: Petrópolis, 2004, p. 7-8.

⁴¹ GERSTENBERGER, Erhard S. **The Forms of the Old Testament Literature: Psalms, Part 2, and Lamentations**. Grand Rapids / Cambridge: Eerdmans, 2001, p. 98.

⁴² MOWINCKEL, Sigmund. **The Psalms in Israel's Worship**. Vol. II. Oxford: Basil Blackwell, 1962, p. 74-75,112; HAYS, Rebecca W. P. Trauma, Remembrance, and Healing: The Meeting of Wisdom and History in Psalm 78. **Journal for the Study of The Old Testament**. Vol 41.2, 2016, p. 184.

⁴³ HAYS, 2016, p. 184.

⁴⁴ MOWINCKEL, 1962, p. 74-75.

⁴⁵ BRIGGS; BRIGGS, 1906, n.p.; WEISER, 1959, n.p.; GONZÁLEZ, 1965, p. 34; CARROLL, 1971, p. 133-150; DAHOOD, M. **Psalms II 51-100** (The Anchor Yale Bible Commentaries). Londres: Yale University, 1995, p. 234-248; GERSTENBERGER, 2001, p. 98.; ALTER, Robert. **The book of Psalms: a translation with commentary**. New York: Norton, 2009, n.p.

⁴⁶ GERSTENBERGER, 2001, p. 98.

Outrossim, vale destacar os que defendem que o Salmo 78 é um salmo histórico⁴⁷, pois “enfaziam a reflexão que o povo faz de sua própria história.⁴⁸ O Salmo 78 se aproxima muito deste gênero já que trata do início e dos primeiros eventos da existência de Israel. Fala do Deus de Israel se revelando na história de seus atos. Nestes eventos, Ele intervém a favor de seu povo. São essas grandes obras de YHWH com as quais Israel se relaciona constantemente no livro de Salmos e sobre as quais a sua vida é baseada.⁴⁹

Assim, o salmista “pratica a memória, não para contar o passado, mas para estimular o tipo de lembrança que leva à mudança”.⁵⁰ Desta maneira, “os salmos históricos representam muito mais do que uma mera releitura da Torá. Cada um deles é baseado (...) [em] eventos selecionados a partir do contexto narrativo do Pentateuco e reinterpretados”⁵¹, empregado a memória coletiva para seguir uma agenda nacional ou mensagem teológica. Essa a revisão retrospectiva visa justificar a estrutura sócio-política presente⁵² (seria essa uma função do Salmo 78?).⁵³

1.4 Estruturação e comentários

Existem várias propostas de divisão para o Salmo 78. Algumas dividem o salmo em apenas três seções: o prólogo (vv.1-11) e duas partes que perpassam a história da salvação de Israel (vv.12-39 e 40–72).

Seguindo o mesmo número de seções, encontra-se a proposta de que o Salmo seja seccionado da seguinte maneira: introdução (vv.1b-8); Parte I: Ações salvíficas de Javé, infidelidade de Israel e juízo divino (vv.9-64); Parte II: Novas e decisivas ações de Javé (vv.65-72). Ou: Introdução Sapiencial (vv.1-2); Grande Promessa Teológica (vv.3 -12); e O Grande Credo Histórico (vv.13-72). Visto que tais divisões parecem ser bem genéricas, aproxima-se de outra proposta que chama bastante atenção, pois, além de seccionar de forma mais satisfatória, em sete partes, consegue mostrar os paralelos entre as partes 1 e 7, 2 e 6, 3 e 5.⁵⁴

1.4.1 Introdução do Salmo: o conhecimento das maravilhas operadas pelo Senhor leva à observância de Seus preceitos (vv.1-8)

A introdução exorta as gerações presentes e futuras a “decifrar e atualizar a mensagem dos eventos salvíficos para preservá-los do esquecimento e, (...) possibilitar sua revelação

⁴⁷ KRAUS, 1989, p. 59-60; GREENSTEIN, Edward L. **Mixing Memory and Design: Reading Psalm 78.** Prooftexts. Vol. 10, No. 2, Tenth Anniversary Volume, Part 2, 1990, p. 197; RAVASI, 1991, p. 1001; GÄRTNER, 2015, p. 373.

⁴⁸ GÄRTNER, 2015, p. 373.

⁴⁹ KRAUS, 1989, p. 59-60.

⁵⁰ GREENSTEIN, 1990, p. 197.

⁵¹ GÄRTNER, 2015, p. 373.

⁵² KUGLER, 2020, p. 132.

⁵³ Por fim, é próprio lembrar que Gunkel classifica este salmo como um “poema misto”, nesse sentido o Sl 78 seria uma mistura de gêneros (salmo sapiencial + salmo histórico, por exemplo) (GUNKEL, Hermann. **Introduction to Psalms: the genres of the religious lyric of Israel.** Macon: Mercer University, 1998, p. 60).

⁵⁴ A estrutura do Salmo 78 apresentada neste artigo foi proposta por ZAKOVITCH, Y. ‘He Chose the Tribe of Judah... He Chose David His Servant’: Psalm 78—Sources, Structure, Meaning, and Purport, in BARON, H.; LIPSHITZ, A. (ed.). *David King of Israel is Alive and Enduring?* **Vetus Testamentum**, vol 50, 1997, p. 169.

contínua e sua aplicação prática”.⁵⁵ No início do Salmo (v.1), o salmista se dirige a todo o povo, no estilo de um sábio que propõe um ensino.⁵⁶ Um autor sugere que o início seria “uma reminiscência de textos poéticos didáticos como o cântico de Moisés (Dt32)”.⁵⁷

O substantivo “parábola” (לְפָרָה) no v.2 pode ser uma tradução aceitável, mas “conto” (*story*) parece ser uma tradução mais plausível.⁵⁸ Já os substantivos “preceito” (עֲוֹנוֹת) e “instrução” (תּוֹרָה) no v.5, podem ter uma conotação *Dtr*⁵⁹, devido à sua ênfase na Torá (תּוֹרָה). O que torna o Salmo 78 muito interessante, visto que “parábola” (לְפָרָה), substantivo que aparece no início do texto, tem aspectos sapienciais. Assim, a sabedoria e a Torá têm no Salmo 78 uma perpendicularidade concisa.⁶⁰

1.4.2 Efraim foi punido porque deixou de observar os preceitos do Senhor e não se lembrava de Suas maravilhas e misericórdias (vv.9-16)

A partir do v.9 o Salmo faz diversas acusações contra Efraim (aqui representando Israel Norte)⁶¹ entre elas está a covardia no campo de batalha⁶² e seu esquecimento das maravilhas que Deus realizou no Êxodo. Em seguida o autor relembra a travessia do Mar e diversos episódios do Êxodo, mas o interessante é que ele não menciona a figura de Moisés em nenhum momento. Isso alerta para o fato de que o Salmo 78 tem 42 dos 72 vv. para o período do Êxodo. Dentro deste longo registro, nem uma única alusão é feita a Moisés. Tal omissão “deve, portanto, ser entendida como resultado do esforço do salmo para celebrar o papel de Davi e elevar a importância da monarquia na vida do povo”.⁶³

No v.13, o salmista ao falar sobre a travessia do Mar Vermelho (ou Mar de Juncos) utiliza-se de uma linguagem rara, o que sugere uma conexão do Salmo 78 com Êxodo 15.8.⁶⁴ O substantivo “montão” (טֵל) usado por ambos os autores em seus respectivos textos ocorre raramente na Bíblia Hebraica (apenas seis vezes).⁶⁵ No v.15 o salmista faz menção especial à água que fluía da rocha do deserto (Êx 17.6). O uso novamente (assim como no v.13) do verbo “dividir” (בָּקַעַ) acentua a ação soberana de YHWH em seus atos.⁶⁶

1.4.3 Israel pecou no deserto, embora o povo tivesse visto sua salvação com seus próprios olhos, conseqüentemente, eles foram punidos (vv.17-31)

Apesar de todos os milagres até aqui relatados no Salmo, o povo ainda não confiava em YHWH.⁶⁷ Os versículos desta seção passam a fazer referência à história da alimentação

⁵⁵ STADELMANN, 2015, p. 415.

⁵⁶ GONZÁLEZ, 1965, p. 363.

⁵⁷ ALTER, 2009, n.p.

⁵⁸ TATE, 1990, n.p.

⁵⁹ ALTER, 2009, n.p.

⁶⁰ WEBER, 2007, p. 324.

⁶¹ TAMMUZ, 2017, p. 207.

⁶² ALTER, 2009, n.p.

⁶³ KUGLER, 2020, p. 131.

⁶⁴ Para um ponto de vista diferente, conferir: CAMPBELL, 1979, p. 51-79.

⁶⁵ LEONARD, 2008, p. 244-245.

⁶⁶ KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos (60-150)*. Salamanca: Sigueme, 1995, p. 193.

⁶⁷ TATE, 1990, n.p.

milagrosa no deserto (envio do maná e das codornas). Ao dominar sua raiva, devido à incredulidade do povo, Deus mostra, de fato, não apenas seu poder, mas também seu amor, generosamente dando-lhes mais do que eles pediram. Mas assim que este presente foi recebido, o povo mais uma vez mostrou seu descontentamento, forçando YHWH a fazer uma história de julgamento a partir de uma história salvadora.⁶⁸

Já no início dessa seção (v.17) mostra-se a reação ingrata do povo aos milagres no Egito e no deserto.⁶⁹ No v.18 o substantivo לַנֶּפֶשׁ deve ser traduzido como a parte anatômica do ser humano “goela”, indicando o evento de Êxodo 16.⁷⁰ Esse mesmo evento é indicado no v.24, ao falar sobre o “maná” (מָן). Observe o uso do verbo “chover” (מָטַר) nos vv.24 e 27: YHWH, assim como se acreditava sobre Baal poder produzir uma “chuva” de fertilidade e abundância. YHWH, que comanda os ventos e os céus, fez “chover” corno no acampamento do povo israelita (vv.27-28)⁷¹, satisfazendo o “desejo” destes. O v. 30 emprega linguagem similar a Números 11.20 e 11.33.⁷²

1.4.4 Depois de serem punidos, eles se arrependem na superfície, mas pecaram novamente. Não obstante, o Senhor foi misericordioso (vv.32-39)

O v.33 usa o substantivo בְּהִבֵּל (substantivo esse muito utilizado nos círculos sapienciais que aparece diversas vezes no livro de Eclesiastes) que aqui deve ser traduzida como “sopro” ou “vapor”, diferentemente da tradução proposta para o v.18. O salmista lembra (v. 34) que sob severa punição, o povo se arrependia e buscavam a Deus, lembrando-se de que Ele era seu redentor e fonte de segurança (v. 35), sua Rocha.

Mas a volta para Deus foi falsa, não genuína (v.36); foi feita por necessidade e não por lealdade inabalável e consistência de compromisso com YHWH (v.37).⁷³ Apesar de todas as desobediências que o Salmo 78 relata sobre o povo, ele lembra também a misericórdia e constância de Deus para com Israel (v.38).

1.4.5 Israel pecou no deserto, embora o povo tivesse visto sua salvação no Egito; o Senhor fere os inimigos de Israel (vv.40-55)

Esse trecho inicia com a mesma cena de antes: “de novo nos encontramos no deserto, onde o esquecimento nos vai recordar as experiências do Egito. O pecado é o mesmo: esquecer, rebelar-se e tentar a Deus”.⁷⁴ Na sequência o Salmo 78 conta a passagem pelo deserto e a conquista de Canaã. Todos os inimigos, do Egito a Canaã, sucumbem às mãos poderosas do guia de Israel, uma marcha triunfal. Esta marcha está indo em direção à terra prometida e ao monte sagrado de Sião.⁷⁵

⁶⁸ GONZÁLEZ, 1965, p. 363.

⁶⁹ KRAUS, 1995, p. 193.

⁷⁰ ALTER, 2009, n.p.

⁷¹ TATE, 1990, n.p.

⁷² ALTER, 2009, n.p.

⁷³ TATE, 1990, n.p.

⁷⁴ CARNITI, Cecília; SCHÖKEL, Luís A. **Salmos I (1-72)**. São Paulo: Paulus, 1996, p. 1014.

⁷⁵ GONZÁLEZ, 1965, p. 364.

A partir do v. 44 o salmista relembra a intervenção divina das pragas lançadas sobre o Egito. É oportuno notar que as pragas não seguem “a lista oficial do êxodo”.⁷⁶ Por quê? Talvez seja porque o Salmo 78 não usou nenhuma fonte externa para a sua composição⁷⁷ ou seria porque o Salmo 78 é “uma recapitulação poética da conhecida narrativa das pragas do Êxodo [e] não teria sido obrigada a repetir todo o material do Êxodo, ou a seguir a mesma ordem”.⁷⁸

No v.55, observa-se uma síntese das duas fases do livro de Josué, a Conquista e partição de Canaã. Os povos cananeus são “arrancados” (שׁוּרְרָה) como gramíneas podres ou como árvores infrutíferas para que YHWH possa plantar sua vinha ali. A terra permanece, portanto, por excelência a Israel, um dom oferecido por Deus ao seu povo.⁷⁹

1.4.6 A punição de Israel, e de Efraim, seu líder, é expressa no abandono do tabernáculo em Siló pelo Senhor (vv.56-67)

Após referência às pragas do Egito e a Conquista da terra de Canaã o salmista começa a escrever suas acusações contra Israel Norte (Efraim) e coloca a destruição do templo de Siló⁸⁰ como um símbolo da rejeição de Deus.⁸¹ A ausência de Deus se transforma em tragédia para Israel. No v.61, a captura da Arca de Aliança é apresentada de forma alusiva. O precioso símbolo da proximidade de YHWH está agora em cativeiro: a arca foi capturada (1Sm 4). Isso foi uma tragédia, o símbolo da glória de Deus foi tomado de Israel (1Sm 4.22).⁸²

O santuário de Siló foi importante no período dos Juízes. É lá que Elcana e Ana vêm todos os anos para oferecer sacrifícios segundo 1 Samuel 1. Evidências arqueológicas sugerem que foi destruído, provavelmente pelos filisteus, no século XI a.C. “O poeta, seguindo o que parece ser uma linha de pensamento *Dtr*, considera a destruição do santuário um sinal do descontentamento de Deus com Israel”.⁸³

É também mister notar que “a ênfase de que Efraim viola a Torá é significativa, porque essa tribo constituiu a oposição e alternativa à casa de Davi”.⁸⁴ Nesse sentido, o Salmo 78, possivelmente, tem o objetivo de explicar a “transferência de hegemonia de José para Judá”,⁸⁵ de Siló para Jerusalém.

1.4.7 A eleição de Judá, Jerusalém e Davi (vv.68-72)⁸⁶

No decorrer da parte final do Salmo fica evidente que YHWH “escolheu a tribo de Judá e rejeitou Efraim, essa escolha de Judá é um endosso à dinastia davídica e da centralização do

⁷⁶ CARNITI; SCHÖKEL, 1996, p. 1014.

⁷⁷ CAMPBELL, 1979, p. 69.

⁷⁸ ALTER, 2009, n.p.

⁷⁹ RAVASI, 1991, p. 645.

⁸⁰ FINKELSTEIN, Israel (edit.). **Shiloh: The Archaeology of a Biblical Site**, Tel Aviv 1993, p. 388-389.

⁸¹ BECKING, B.; PEELS, Eric. **Psalms and prayers: papers read at the joint meeting of the society of Old Testament study and Het Oudtestamentisch Werkegezelschap in Nederland em België**. Leiden: Brill, 2007, p. 71-72.

⁸² RAVASI, 1991, p. 647-648.

⁸³ ALTER, 2009, n.p.

⁸⁴ FRISCH, Amos. Ephraim and Treachery, Loyalty and (the House of) David: the meaning of a structural parallel in Psalm 78. **Vetus Testamentum** Vol. 59, Fasc. 2, 2009, p. 190.

⁸⁵ LOEWENSTAMM, Samuel E. **The evolution of the Exodus Tradition**. Jerusalém: Magnes, 1992, p. 75.

⁸⁶ ZAKOVITCH; In: BARON; LIPSHITZ (edit.), 1997, p. 169.

culto em Jerusalém”.⁸⁷ O fim dos caminhos humanos não é o fim dos caminhos de Deus: seu julgamento sobre o líder das tribos que ele escolheu, e sobre seu santuário, não é a última palavra na história da salvação. Ele continua a guiar a história da salvação a ponto de colocá-la em outro ponto do acontecimento e, com a eleição de Judá, de Davi e do santuário de Sião, a faz recomeçar, como uma nova criação (v.69).⁸⁸

Jerusalém se torna o lugar escolhido. O *hieros logos* (tradição sagrada) da narrativa da Arca, portanto, pretende claramente anunciar que a história do culto em Jerusalém é uma continuação da tradição de Siló, o local anterior da Arca.⁸⁹ Fica evidente que “embora a história de salvação tenha-se rompido no Norte, continua no sul como novo e tradicional Israel”.⁹⁰ Visto que o Salmo 78 mostra a cidade de Jerusalém como o novo lugar de culto oficial⁹¹ e a dinastia davídica como um dom do Senhor ao qual se deve lealdade⁹² pode-se supor que “o Salmo 78 é claramente propagandístico por natureza”.⁹³

2. A HISTÓRIA DA CORRENTE DTN/DTR (DEUTERONÔMICO-DEUTERONOMISTA)

A hipótese da Obra Deuteronomista de História (*ODH*)⁹⁴ se inicia com M. de Wette em 1805 que identificou o livro “encontrado” por Josias em 2 Reis 22 com Deuterônomo 12-26 (chamado de “Código *Dtr*”)⁹⁵ que para esse teólogo⁹⁶ teria sido criado para legitimar as reformas pretendidas por esse rei.⁹⁷

Essa hipótese começou a ganhar mais espaço na academia a partir da “Hipótese Documental” de J. Wellhausen. A *ODH* recebeu grande contribuição de M. Noth que negou a existência do Hexateuco (tese que afirmava que as fontes do Pentateuco poderiam ser observadas no livro de Josué) e admitiu a existência de uma redação *Dtr* nos Profetas Anteriores. O que há de novo na abordagem de Noth é sua maneira de sugerir que os textos

⁸⁷ ALTER, 2009, n.p.

⁸⁸ WEISER, 1959, n.p.

⁸⁹ KRAUS, Hans-Joachim. **Theology of the Psalms**. Minneapolis: Fortress, 1992, p. 75.

⁹⁰ CARNITI; SCHÖKEL, 1996, p. 1003.

⁹¹ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (edit.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012, p. 1060.

⁹² FRISCH, 2009, p. 190.

⁹³ LEUCHTER, 2006, p. 29.

⁹⁴ A HD é uma construção teórica moderna que “sustenta que os livros de Deuterônomo, Josué, Juízes, Samuel e Reis constituem uma única obra, unificada por uma homogeneidade básica na linguagem, estilo e conteúdo” (KNOPPERS, Gary N.; MCCONVILLE, J. Gordon (ed.). **Reconsidering Israel and Judah**: recent studies on the Deuteronomistic History. Winona Lake: Eisenbrauns, 2000, p. 1).

⁹⁵ FERNANDES, Leonardo A. A atualidade do “hoje” em Dt 26,16-19. **Revista Pistis Praxis**, Teologia Pastoral, Curitiba, v.11, n.2, maio/ago. 2019, p. 381.

⁹⁶ RÖMER, 2008, p. 24-25.

⁹⁷ Entretanto, a pesquisa já indicou que Deuterônomo 12-26 contém uma elaborada coleção de leis que se liga ao Israel Norte dos séculos IX-VIII a.C. e que esse material foi levado para Judá após a conquista de Israel Norte pela Assíria no século VIII a.C. Isto permitiu que esse corpus sobrevivesse e, além disso, tornar-se a base de importantes reformas religiosas, culturais e sociais em Judá (FERNANDES, Leonardo A. Reflexão sobre o contexto e a singularidade de Dt 30,11-14. **Revista de Cultura Teológica**. Ano 28, n 97, set/dez, 2020, p. 112).

Dtr pertencerem a uma redação coerente e unificada, devida a um único redator, que Noth chama de *Dtr* (Deuteronomista). Nessa teoria M. Noth afirma que os livros de Deuteronômio até Reis, a *OHDtr*, foram escritos durante a ocupação neobabilônica em Judá, por volta de 560 a.C.⁹⁸

Como a técnica de composição do *Dtr* incluía “seleção, edição e composição, o trabalho resultante não era apenas uma coleção de fontes, mas um trabalho coerente manifestando um design deliberado e uma uniformidade de propósito”⁹⁹, construindo uma “complexa visão da história de Israel”.¹⁰⁰ Com a crise que se abateu sobre a hipótese de Wellhausen, diversas teorias sobre a formação do livro do Deuteronômio começaram a surgir¹⁰¹ e, com isso, a *OHDtr* foi recebendo várias contribuições durante a história da pesquisa. As principais contribuições foram dadas por Rudolf Smend e Frank Moore Cross.¹⁰²

Smend concluiu que os três principais estratos da *OHDtr* (*DtrN*¹; *DtrN*²; e *DtrH*)¹⁰³ se originaram no período babilônico e foram concluídos no início do período persa.¹⁰⁴ Já Cross sugeriu uma redação dupla da *OHDtr*.¹⁰⁵ Conforme articulado em *Canaanite Myth e Hebrew Epic* (1973), a tese é que o *OHDtr* passou por pelo menos duas redações: uma que data dos dias de Josias (*Dtr1*) e outra do exílio (*Dtr2*).¹⁰⁶

A função e o propósito do *Dtr2* é fornecer à comunidade exilada um novo senso de identidade.¹⁰⁷ Para isso, o corpus principal de *Dtr1* foi modificado e atualizado a fim de completar a *OHDtr* e adequá-la melhor à era exílica¹⁰⁸: buscando oferecer razões para a destruição de Jerusalém (desobediência do povo às leis de Deus)¹⁰⁹; apresentando um período formativo ideal no passado¹¹⁰; e alimentar a esperança do retorno da monarquia (que no desenvolvimento posterior lançou bases para a corrente sacerdotal assumir a liderança entre os repatriados).¹¹¹

⁹⁸ RÖMER, 2008, p. 27-33.

⁹⁹ KNOPPERS; MCCONVILLE, 2000, p. 2.

¹⁰⁰ RÖMER, 2008, p. 33.

¹⁰¹ FERNANDES, Leonardo A. Análise retórica de Dt 30,11-14. *Franciscanum* 176, Vol. 63, 2021, p. 2.

¹⁰² RÖMER, Thomas. The So-called deuteronomistic history and its theories of composition. In: KELLE, Brad E.; STRAWN, Brent A. (edit.). *The Oxford Handbook of the historical books of the Hebrew Bible*. New York: Oxford University, 2020. p. 303-322, p. 312.

¹⁰³ Os *DtrNs* seriam os estratos Deuteronomistas que abordam a lei, por isso o “N” de “nomísta”; já o *DtrH* seria o editor exílico que ele chama de “historiador” (RÖMER, 2008, p. 37).

¹⁰⁴ RÖMER In: KELLE; STRAWN, 2020, p. 312.

¹⁰⁵ GEOGHEGAN, Jeffrey C. "Until This Day" and the Preexilic redaction of the Deuteronomistic History. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 122, N. 2, 2003, p. 201.

¹⁰⁶ RICHTER, Sandra L. *The Deuteronomistic History and the Name Theology*. New York: Walter de Gruyter, 2002, p. 3.

¹⁰⁷ RÖMER In: KNOPPERS; MCCONVILLE, 2000, p. 112.

¹⁰⁸ RICHTER, 2002, p. 3.

¹⁰⁹ FERNANDES, 2020, p. 113.

¹¹⁰ RÖMER In: KNOPPERS; MCCONVILLE, 2000, p. 112.

¹¹¹ FERNANDES, 2020, p. 113.

Já o *Dtr1* é “uma obra de propaganda da reforma josiânica. (...) Em Davi e em seu filho Josias está a salvação”.¹¹² A atividade dos escribas estava ligada ao interesse da corte real e, portanto, essa obra não é “um exercício sofisticado de composição histórica, mas antes uma literatura de propaganda”.¹¹³

Esse viés propagandístico do *Dtr1* faz parte de sua ideologia, a qual é formada pela ideia de que a cidade de Jerusalém é o único centro de culto legítimo a YHWH¹¹⁴; visão otimista da dinastia davídica e elogios particularmente voltados aos reis Ezequias e Josias; incentivo a política expansionista e nacionalista de Josias (Pan Israelismo); e elevar a adoração monolátrica de Javé à religião oficial do Estado de Judá.¹¹⁵

Como já foi observado anteriormente neste artigo, muitos desses traços da ideologia *Dtr1* podem ser observados no Salmo 78. O que leva a supor que o Salmo 78 é, possivelmente, uma propaganda aos moldes do *Dtr1* e deve ser datado na época da monarquia tardia de Judá (séc. VII a.C.).

3. A HISTÓRIA DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA NA PALESTINA E SUA APLICAÇÃO PARA A COMPREENSÃO DO SALMO 78

A arqueologia é uma ferramenta fundamental para o esclarecimento do texto bíblico. Ela traz à luz heranças das sociedades que produziram o texto bíblico e com isso abre uma janela para o passado.¹¹⁶ O apreço pela história material de Israel vem de longa data. Esse território aparentemente inóspito e desértico está vinculado à imaginação religiosa e cultural do Ocidente. Esse apreço vem desde a época de Flávio Josefo, passando pelo governo de Constantino no séc. IV EC (que fomentou este interesse pelos espaços sagrados relacionados à religião cristã) e perpassa até mesmo o período medieval das Cruzadas (que além dos interesses comerciais tinha o objetivo de recuperar espaços físicos para a manutenção do cultivo da memória sacra).

O interesse pela cultura material do território de Israel emergiu de forma mais marcante no século XIX no mesmo período do nascimento da História e da própria Arqueologia como disciplinas acadêmicas. Essa época foi marcada pela busca do vínculo da Europa com as culturas clássicas da Antiguidade. Vista como a “herança espiritual” dos povos europeus, a região serviu aos nascentes impérios cuja base religiosa era o Cristianismo, como fonte de um passado nobre e glorioso.¹¹⁷

A chamada “arqueologia bíblica” nasceu nas últimas décadas do século XIX, com a fundação da *Palestine Exploration Fund* (PEF), em 1865, e também com a fundação da

¹¹² CROSS, F.M. **Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel**. Cambridge: Harvard University, 1973, p. 289.

¹¹³ RÖMER, 2008, p. 50.

¹¹⁴ WAZANA, Nili. The Chosen city: Conquest and sanctification traditions of Jerusalem. **Biblica**. Vol. 98.3, 2017, p. 362.

¹¹⁵ RÖMER, 2008, p. 71,75,108.

¹¹⁶ KESSLER, Rainer. **História social do Antigo Israel**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 30.

¹¹⁷ REIMER, Haroldo. O Antigo Israel: espaço, fontes e historiografia. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e prática educacionais - UEG/UnU Iporá**, v.2, n.2, Jul/Dez, 2013, p. 63-64.

Palestine Exploration Society (PES) e *Society of Biblical Archaeology*, em 1870. Essas fundações estiveram “voltadas a fundamentar as verdades bíblicas frente às investidas das ciências. Foi com essa perspectiva que foi escavada boa parte da Palestina nas primeiras décadas do séc.XX”.¹¹⁸

Um dos arqueólogos mais importantes da “arqueologia bíblica” do século XX foi William F. Albright, que propunha que Abraão migrou para Canaã no século XX ou XIX a.C. e que a descida de Jacó para o Egito ocorreu entre os séculos XVIII e XVII a.C.¹¹⁹ Albright acreditava que seus achados em Megido tivessem “confirmado a tradição bíblica de maneira categórica”.¹²⁰

Nas décadas de 50 e 60 do século XX seu discípulo, Yigael Yadin também encontrou o que acreditava serem evidências que correspondiam ao texto bíblico.¹²¹ Essa corrente praticava uma arqueologia que tinha “a Bíblia em uma mão e na outra a picareta”.¹²²

Na década de 1980 houve um declínio da “arqueologia bíblica”, dando lugar ao debate entre maximalista-minimalista. Os chamados “maximalistas” eram associados às universidades de Sheffield na Inglaterra e Copenhagen na Dinamarca. Acreditavam que a Bíblia Hebraica foi escrita durante o período persa ou helenista e que as narrativas e histórias contidas nela não passavam de mitos religiosos.

Já os “minimalistas” acreditavam que os “maximalistas” eram super céticos em relação aos dados obtidos pela pesquisa, desconsiderando a literatura e a historiografia comparada de materiais extrabíblicos do Oriente Próximo Antigo (AOP) que davam certa validade a alguns relatos bíblicos. Esse debate foi dominado em sua maioria por biblistas e não por arqueólogos.

Foi no início dos anos de 1990 que o chamado “debate do século X” teve início com Israel Finkelstein.¹²³ Esse arqueólogo, juntamente com outros (como Amihai Mazar)¹²⁴, procurou fazer uma arqueologia mais crítica, sem interferência religiosa.¹²⁵ Esses arqueólogos afirmam que os dados arqueológicos durante muito tempo foram mal interpretados e levaram a conclusões precipitadas, como a existência de um Reino Unido de Israel no século X a.C. (por isso o “debate do século X”).¹²⁶ Os resultados de suas pesquisas têm ajudado os historiadores do antigo Israel, bem como os teólogos a revisar perspectivas tradicionais e levantar novas questões a respeito da História dos antigos hebreus.¹²⁷

¹¹⁸ KAEFER, José Ademar; XAVIER, Suely. O método histórico-crítico e a nova arqueologia: uma análise Bíblico-Arqueológica do contexto histórico do livro de Neemias. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. V. 59. N. 2. P. 397-412. jul/dez. 2019, p. 399.

¹¹⁹ SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. São Paulo: Benvirá, 2011, p. 204.

¹²⁰ ALBRIGHT, William F. **The Archaeology of Palestine and the Bible**. London: Penguin, 1960, p. 136.

¹²¹ SAND, 2011, p. 205.

¹²² KAEFER; XAVIER, 2019, p. 400.

¹²³ ZEVIT, Ziony. Three debates about Bible and Archaeology. **Biblica**. Vol. 83, No. 1, 2002, p. 19.

¹²⁴ REIMER, 2013, p. 66.

¹²⁵ KAEFER; XAVIER, 2019, p. 400.

¹²⁶ ZEVIT, 2002, p. 19.

¹²⁷ REIMER, 2013, p. 67.

Entre as questões levantadas por esse novo jeito de fazer arqueologia, a noção bíblica de “Reino Unido”¹²⁸ de Israel é de grande interesse. Essa corrente afirma uma grande superioridade do Reino de Israel sobre Judá (desde sua fundação até o séc. VIII a.C.) em todos os aspectos: “população, urbanização, arquitetura, administração, economia e comércio”.¹²⁹

Por muito tempo a grandeza de Israel foi ofuscada na arqueologia bíblica devido aos arqueólogos que até então tinham “sido induzidos pela própria literatura bíblica a olhar somente para o sul, sendo que o grosso da história do Israel antigo se encontra no norte”.¹³⁰ Dados arqueológicos do importante sítio de *Kuntillet 'Ajrud* (em “Árabe: “a colina da fonte de água solitária”)¹³¹ mostram que “os primeiros sinais de habilidades para se compor textos complexos vêm do Reino do Norte, na primeira metade do século VIII a.C.”¹³² (outros autores sugerem o século IX a.C.).¹³³ Essa informação arqueológica corrobora as afirmações de que o Reino de Israel era superior a Judá até a sua derrocada no final do século VIII a.C.

Essa superioridade de Israel sobre Judá, descoberta através da arqueologia¹³⁴, fez com que alguns estudiosos reconsiderassem a ideia de uma “monarquia unida” de Israel e Judá como é apresentado no relato bíblico.¹³⁵ Tais autores sugerem que “o uso das expressões “Reino do Norte” e “Reino do Sul” deveria ser extinto em nossos escritos bíblicos”.¹³⁶

A conclusão desses autores faz com que se pergunte como Judá, mesmo sendo um reino inferior ao de Israel Norte, se tornou nos relatos bíblicos o reino mais proeminente entre os dois? Isso ocorreu somente após três grandes campanhas assírias lideradas por Tiglate-Pileser III na década de 730 a.C. e por Salmaneser V e Sargão II na década de 720 a.C. culminando na destruição de Israel Norte.¹³⁷

Porém, parte da população não é exterminada, mas migra para o Reino de Judá. A população camponesa para a área rural (as áreas rurais de Judá estavam abandonadas desde a transição da Idade do Ferro I para a Idade do Ferro II; foi nos séculos VIII a.C. e VII a.C. que houve um reassentamento dessas áreas)¹³⁸ e a elite para a capital Jerusalém. “Entre estes

¹²⁸ LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia**: história antiga de Israel. São Paulo: Loyola; Paulus, 2008, p. 14.

¹²⁹ NA'AMAN, 2010, p. 14.

¹³⁰ KAEFER, José Ademar. **Arqueologia das terras da Bíblia II**. São Paulo: Paulus, 2016, p. 5.

¹³¹ FABER, Zev I.; WRIGHT, Jacob L. (edit.). **Archaeology and History of Eighth-Century Judah**. Atlanta: SBL, 2018, p. 379.

¹³² KAEFER, 2016, p. 96.

¹³³ FABER; WRIGHT, 2018, p. 462.

¹³⁴ Sobre dados arqueológicos que mostram a superioridade de Israel sob Judá, ler: CLINE, Eric H.; FINKELSTEIN, Israel; USSISHKIN, David (edit.). **Megiddo V: The 2004-2008 Seasons**. Volume 2 e 3. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2013, p. 1025.

¹³⁵ CLINE; FINKELSTEIN; USSISHKIN, 2013, p. 743

¹³⁶ KAEFER, José Ademar. Quando Judá se torna Israel. **Pistis e Praxis**, Teol. Pastor., Curitiba, v.12, n. 2, mai./ago. 2020, p. 407.

¹³⁷ ITACH, Gilad. The Kingdom of Israel in the Eighth Century: from a regional power to Assyrian Provinces. p.57-77. In: FARBER, Zev I.; WRIGHT, Jacob L. (edit.). **Archaeology and History of Eighth-Century Judah**. Atlanta: SBL, 2018, p. 57.

¹³⁸ FABER; WRIGHT, 2018, p. 180.

últimos, escribas e mão de obra especializada, que trazem consigo a cultura e a história de Israel Norte”.¹³⁹

Com isso, ocorreu em Judá um grande crescimento demográfico.¹⁴⁰ Esse crescimento demográfico está claramente vinculado à destruição do Israel Norte pela Assíria, isso é evidenciado pelas pesquisas arqueológicas que observam um crescimento populacional repentino do século VIII a.C. para o século VII a.C.¹⁴¹

Esse movimento de fusão foi ao que tudo indica muito tranquilo, já que ambos os reinos tinham muito em comum. Eles falavam a mesma língua e adotaram a mesma escrita. Além disso, “ambos cultuavam YHWH (entre outras divindades). Seus povos compartilhavam muitas lendas, heróis e contos sobre eventos do passado distante”.¹⁴²

O segundo momento marcante da fusão ocorreu no reinado de Josias, no século VII a.C., com a criação da ideologia do Pan Israel.¹⁴³ O surgimento dessa ideologia só foi possível a partir do desenvolvimento posterior de Judá. De certa forma a invasão da Assíria, que resultou no final de Israel Norte, foi vantajosa para Judá¹⁴⁴ enquanto fez de Israel Norte o “reino esquecido”.¹⁴⁵

Em um primeiro momento o crescimento de Judá foi econômico e posteriormente foi administrativo, quando Judá finalmente ganha à estatura de um Estado. É provável que o desenvolvimento tenha sido maior nos anos de Acáz, interrompido, com Ezequias, pela guerra, e retomado com Manassés, até chegar a Josias e sua reforma. É neste momento que surge ou se intensifica a produção literária em Judá.¹⁴⁶

Desta maneira, os livros mais antigos da Bíblia e as narrativas da história israelita mais antiga foram codificados e compostos pela primeira vez possivelmente na Jerusalém do século VII a.C. Segundo esses arqueólogos, as narrativas dos patriarcas, o Êxodo, a conquista da Terra Prometida e o “Reino Unido” sobre a égide de Davi e Salomão são obras do movimento reformista de Josias que pretendem contar o passado, refletindo mais as condições do século VII a.C. do que as preocupações do tempo a que fazem referência.¹⁴⁷

A “reforma josiânica”¹⁴⁸ começa a partir do achado de certo “Livro da Lei” (2Rs 22). Segundo os arqueólogos esse relato concorda com as evidências arqueológicas de vários sinetes pessoais e com inscrições em hebraico originárias dessa época atestando o uso extensivo da escrita. Para esse grupo de arqueólogos, tal evidência mostra a difusão do alfabetismo em Judá. É nesse período que Judá “atingiu o nível de um Estado plenamente

¹³⁹ KAEFER, 2020, p. 406.

¹⁴⁰ LIVERANI, 2008, p. 195.

¹⁴¹ FABER; WRIGHT, 2018, p. 179-180.

¹⁴² FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, n.p.

¹⁴³ KAEFER, 2020, p. 406.

¹⁴⁴ KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2018, p. 95.

¹⁴⁵ SCHMID In: FARBER; WRIGHT, 2018, p. 498.

¹⁴⁶ KAEFER, 2018, p. 96.

¹⁴⁷ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, n.p.

¹⁴⁸ DONNER, Hebert. **História de Israel e dos povos vizinhos: da época da divisão do reino até Alexandre Magno**. São Leopoldo: Sinodal, 2017, p. 403.

desenvolvido (...). Dificilmente ele teve condições de produzir longos textos bíblicos antes disso”.¹⁴⁹

O “Livro da Lei” para alguns teólogos foi o documento programático da reforma de Josias.¹⁵⁰ Para se entender a importância deste documento para o período é necessário levar em conta a sua época. O início do reinado de Josias (639 a.C.) coincide com o começo do rápido desmantelamento do poder assírio no OPA.¹⁵¹ Esse esmaecimento do controle assírio tornou possível que Josias ampliasse seus domínios em regiões que antes pertenciam a Israel Norte, com quem os judaítas compartilhavam sua etnia e religiosidade.¹⁵²

Desta maneira foi possível centralizar o culto israelita e estabelecer um grande Estado pan-israelita. A propaganda ativa e poderosa para essa ideologia se deu com base no “Livro da Lei” (ou Dt 12-26) que estabeleceu a unidade do povo de Israel e a centralidade de seu lugar de culto nacional.¹⁵³ Essa composição tanto ideológica como teológica foi consolidada provavelmente através da escola *Dtr1*, que segundo as conjecturas presentes neste artigo, é a escola por trás da composição do Salmo 78.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, segundo as informações e os dados apresentados neste artigo, sugeriu-se que o Salmo 78 foi produzido provavelmente no século VII a.C. tendo como base a ideologia da escola *Dtr 1*. Pelos achados da arqueologia moderna e dos estudos teológicos tanto sobre a composição dos Salmos como da História da escola *Dtn/Dtr*, pôde-se supor que o Salmo 78 tem uma intenção claramente propagandística de invalidação de Israel Norte em favor da monarquia judaíta que roga para si o fato de possuir o centro legítimo de culto a YHWH e ser um dom deste para seu povo que por sua vez deve a essa dinastia a sua fidelidade.

REFERÊNCIAS

ALBERTZ, Rainer. **A History of Israelite Religion in the Old Testament Period**. Volume I: From the Beginnings to the End of the Monarchy. Louisville: Westminster/John Knox, 1992.

ALBRIGHT, William F. **The Archaeology of Palestine and the Bible**. London: Penguin, 1960.

ALTER, Robert. **The book of Psalms: a translation with commentary**. New York: Norton, 2009.

ANDERSON, A. A. **The book of Psalms: 73-150 (The New Century Bible Commentary)**. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

¹⁴⁹ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, n.p.

¹⁵⁰ ALBERTZ, Rainer. **A History of Israelite Religion in the Old Testament Period**. Volume I: From the Beginnings to the End of the Monarchy. Louisville: Westminster/John Knox, 1992, p. 199.

¹⁵¹ KESSLER, 2009, p. 137.

¹⁵² LIVERANI, 2008, p. 220.

¹⁵³ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, n.p.

BECKING, B.; PEELS, Eric. **Psalms and prayers: papers read at the joint meeting of the society of Old Testament study and Het Oudtestamentisch Werkegezelschap in Nederland em België**. Leiden: Brill, 2007.

BRIGGS, C. A; BRIGGS, E. G. **A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Psalms**. 2 vols. International Critical Commentary. Edinburgh: T & T Clark, 1906.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (edit.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012.

CALDUCH-BENAGES, N.; LIESEN, J. (edit.). **History and identity: how Israel's later authors viewed Its earlier history**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2006.

CAMPBELL, Anthony F. Psalm 78: a contribution to the Theology of Teth Century Israel. **The Catholic Biblical Quarterly**. Vol. 41. N. 1. Janeiro/1979. p. 51-79.

CARNITI, Cecília; SCHÖKEL, Luís A. **Salmos I (1-72)**. São Paulo: Paulus, 1996.

CARROLL, R. P. Psalm LXXVIII: vestiges of a tribal polemic. **Vetus Testamentum** Vol. 21, Fasc. 2 (Apr., 1971), p. 133-150.

CLINE, Eric H.; FINKELSTEIN, Israel; USSISHKIN, David (edit.). **Megiddo V: The 2004-2008 Seasons**. Volume 2 e 3. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2013.

COIMBRA, A. Sales. As lições da história de Israel (Salmo 78). **Estudos Teológicos**, Vol. 81. Vozes: Petrópolis, 2004. p. 48-62.

CROSS, F.M. **Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel**. Cambridge: Harvard University, 1973.

DAHOOD, M. **Psalms II 51-100** (The Anchor Yale Bible Commentaries). Londres: Yale University, 1995.

DAY, John. Pre-Deuteronomic Allusions to the Covenant in Hosea and Psalm LXXVIII. **Vetus Testamentum**. Vol. 36, Fasc. 1 (Jan., 1986), p. 1-12.

DONNER, Hebert. **História de Israel e dos povos vizinhos: da época da divisão do reino até Alexandre Magno**. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

EWALD, Georg H. A. **Commentary on the Psalms**. Eugene: Wipf & Stock, 2007.

FABER, Zev I.; WRIGHT, Jacob L. (edit.). **Archaeology and Histoy of Eighth-Century Judah**. Atlanta: SBL, 2018.

FERNANDES, Leonardo A. A atualidade do “hoje” em Dt 26,16-19. **Revista Pistis Praxis**, Teologia Pastoral, Curitiba, v.11, n.2, maio/ago. 2019, p.378-398.

FERNANDES, Leonardo A. Análise retórica de Dt 30,11-14. **Franciscanum** 176, Vol. 63, 2021, p. 1-19.

FERNANDES, Leonardo A. Reflexão sobre o contexto e a singularidade de Dt 30,11-14. **Revista de Cultura Teológica**. Ano 28, n 97, set/dez, 2020. p. 111-126.

FINKELSTEIN, Israel (edit.). **Shiloh: The Archaeology of a Biblical Site**, Tel Aviv 1993.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados**. Petrópolis: Vozes, 2018.

FLINT, Peter W.; MILLER JR., Patric D. (edit.). **The book of Psalms: composition and reception**. Leiden: Brill, 2005.

FRISCH, Amos. Ephraim and Treachery, Loyalty and (the House of) David: the meaning of a structural parallel in Psalm 78. **Vetus Testamentum** Vol. 59, Fasc. 2, 2009, p. 190-198.

GÄRTNER, Judith. The Historical Psalms: A Study of Psalms 78; 105; 106; 135, and 136 as Key Hermeneutical Texts in the Psalter. **Hebrew Bible and Ancient Israel (HeBAI)** Volume 4, 2015, p. 373-399.

GEOGHEGAN, Jeffrey C. "Until This Day" and the Preexilic redaction of the Deuteronomistic History. **Journal of Biblical Literature**, Vol. 122, N. 2, 2003. p. 201-227.

GERSTENBERGER, Erhard S. **The Forms of the Old Testament Literature: Psalms, Part 2, and Lamentations**. Grand Rapids / Cambridge: Eerdmans, 2001.

GONZÁLEZ, Ángel. **El libro de los Salmos**. Barcelona: Herder, 1965.

GREENSTEIN, Edward L. **Mixing Memory and Design: Reading Psalm 78. Prooftexts**. Vol. 10, No. 2, Tenth Anniversary Volume, Part 2, 1990, p. 197-218.

GUNKEL, Hermann. **Die Psalmen**. Gottingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1986.

GUNKEL, Hermann. **Introduction to Psalms: the genres of the religious lyric of Israel**. Macon: Mercer University, 1998.

HAYS, Rebecca W. P. Trauma, Remembrance, and Healing: The Meeting of Wisdom and History in Psalm 78. **Journal for the Study of The Old Testament**. Vol 41.2, 2016, p. 183-204.

HOSSFELD, F.; ZENGER, E. Psalms 51–100. **Religious Studies Review**, v. 33, n. 1, 2007, p. 57-64.

ITACH, Gilad. The Kingdom of Israel in the Eighth Century: from a regional power to Assyrian Provinces. p.57-77. In: FARBER, Zev I.; WRIGHT, Jacob L. (edit.). **Archaeology and History of Eighth-Century Judah**. Atlanta: SBL, 2018.

JONES, C. B. **Lessons learned: applying a hermeneutic of curiosity to Psalm 78. Perspective in Religious Studies**, vol. 44, 2017, p. 173–83.

JUNKER, H. Die Entstehungszeit des Ps. 78 und des Deuteronomiums. **Biblica**, vol 34, 1953, p. 487-500.

KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2018.

KAEFER, José Ademar. **Arqueologia das terras da Bíblia II**. São Paulo: Paulus, 2016.

KAEFER, José Ademar. Quando Judá se torna Israel. **Pistis e Praxis**, Teol. Pastor., Curitiba, v.12, n. 2, mai./ago. 2020, p. 391-409.

KAEFER, José Ademar; XAVIER, Suely. O método histórico-crítico e a nova arqueologia: uma análise Bíblico-Arqueológica do contexto histórico do livro de Neemias. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. V. 59. N. 2. P. 397-412. jul/dez. 2019. P. 399-400.

KESSLER, Rainer. **História social do Antigo Israel**. São Paulo: Paulinas, 2009.

KNOPPERS, Gary N.; MCCONVILLE, J. Gordon (ed.). **Reconsidering Israel and Judah: recent studies on the Deuteronomistic History**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2000.

KRAUS, Hans-Joachim. **Los Salmos (60-150)**. Salamanca: Sigueme, 1995.

KRAUS, Hans-Joachim. **Psalms 60-150: Continental Commentaries**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1989.

KRAUS, Hans-Joachim. **Theology of the Psalms**. Minneapolis: Fortress, 1992.

KUGLER, Gili. Not Moses, but David: Theology and politics in Psalm 78. **Scottish Journal of Theology**, Vol 73, 2020, p. 126–136.

LEE, A. C. C. The context and function of the plagues tradition in Psalm 78. **Journal for the Study of the Old Testament**, vol. 15, 1990, p.83-89.

LEONARD, Jeffery M. Inner-Biblical Allusions: Psalm 78 as a test case. **Journal of Biblical Literature**, Vol. 127, N. 2, 2008, p. 241-265.

LEUCHTER, Mark. The Reference to Shiloh in Psalm 78. **Hebrew Union College Annual** Vol. 77. 2006, p. 1-31.

LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia: história antiga de Israel**. São Paulo: Loyola; Paulus, 2008.

LOEWENSTAMM, Samuel E. **The evolution of the Exodus Tradition**. Jerusalém: Magnes, 1992.

MAILLOT, A.; LELIÈVRE, A. **Les Psaumes: Deuxième partie : Psaumes 51-100**. Traduction, notes et commentaire. Geneva: Labor et Fides, 1966.

MCKENZIE, S. L.; HAYNES, S. R. (eds.). **To Each its Own Meaning: a introduction to Biblical Criticisms and their Application**. Louisville: Westminster, 1999.

MOWINCKEL, Sigmund. **The Psalms in Israel's Worship**. Vol. II. Oxford: Basil Blackwell, 1962.

NA'AMAN, Nadav. Hezekiah and the Kings of Assyria. **Tel Aviv Journal of the Institute of Archaeology of Tel Aviv University**, Vol. 9, 1994; p. 235-254.

NA'AMAN, Nadav. The Israelite-Judahite Struggle for the Patrimony of Ancient Israel. **Biblica**. Vol 91(1), 2010, p. 1-23.

RAVASI, Gianfranco. **Il Libro dei Salmi: Commento e attualizzazione**. Vol II (51-100). 5.ed. Bologna: EDB, 1991.

REIMER, Haroldo. O Antigo Israel: espaço, fontes e historiografia. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e prática educacionais - UEG/UnU Iporá**, v.2, n.2, Jul/Dez, 2013, p.60-75

RICHTER, Sandra L. **The Deuteronomistic History and the Name Theology**. New York: Walter de Gruyter, 2002.

RÖMER, Thomas. **A chamada história deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RÖMER, Thomas. The So-called deuteronomistic history and its theories of composition. In: KELLE, Brad E.; STRAWN, Brent A. (edit.). **The Oxford Handbook of the historical books of the Hebrew Bible**. New York: Oxford University, 2020. p. 303-322.

ROSS, Allen P. **A commentary on the psalms**. Vol 2 (42-89). Grand Rapids: Kregel, 2013.

SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. São Paulo: Benvirá, 2011.

SCHMID, Konrad. The Biblical Writings in the Late Eighth Century BCE. In: FARBER, Zev I.; WRIGHT, Jacob L. (edit.). **Archaeology and History of Eighth-Century Judah**. Atlanta: SBL, 2018. p. 489-501.

SCHNIEDEWIND, W. M. **How the Bible Became a Book: the textualization of Ancient Israel**. Cambridge: Cambridge University, 2005.

SIQUEIRA, T. Machado (org.). Salmos de Asaf (Sl 50; 73-83). **Estudos Teológicos**, Vol. 81. Vozes: Petrópolis, 2004.

STADELMANN, Luís I. L. **Os Salmos da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2015.

STERN, Philip. The Eighth Century Dating of Psalm 78 Re-argued. **Hebrew Union College Annual**, Vol. 66, 1995, p. 41-65.

TAMMUZ, Oded. Psalm 78: a case study in redaction as propaganda. **The Catholic Biblical Quarterly**, Volume 79, N 2, April 2017, p. 205-221.

TATE, Marvin E. **Word Biblical Commentary: Vol. 20: Psalms 51-100**. Dallas: Word Books, 1990.

TREVES, M. **The dates of the Psalms: history and poetry in Ancient Israel**. Pisa: Giardini, 1988.

WAZANA, Nili. The Chosen city: Conquest and sanctification traditions of Jerusalem. **Biblica**. Vol. 98.3, 2017, p. 339-362.

WEBER, Beat. Psalm 78 als "Mitte" dês Psalters? - einVersuche. **Biblica**, Vol. 88, No. 3, 2007, p. 305-325.

WEINGART, Kristin. Juda als Sachwalter Israels Geschichts theologie nach dem Ende des Nordreiches In Hos 13 und Ps 78. **Zeitschriftfür die alttestamentliche Wissenschaft**. Vol 127(3), 2015, p, 440-458.

WEISER, A. **Die Psalmen II**. Gottingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1959.

WEISER, A. **I Salmi**: Parte seconda: 61-150. Brescia: Paideia, 2003.

ZAKOVITCH, Y. 'He Chose the Tribe of Judah... He Chose David His Servant': Psalm 78— Sources, Structure, Meaning, and Purport, in BARON, H.; LIPSHITZ, A. (ed.). David King of Israel is Alive and Enduring? **Vetus Testamentum**, vol 50, 1997, p. 117-202.

ZEVIT, Ziony. Three debates about Bible and Archaeology. **Biblica**. Vol. 83, No. 1, 2002, p. 1-27.